

Promessa de austeridade

O senador cearense Mauro Benevides (PMDB) é o novo presidente do Senado, cargo que acumulará, como determina a Constituição, com a Presidência do Congresso. Apesar de ter durado quatro horas, a eleição da nova Mesa diretora do Senado foi uma das mais tranquilas dos últimos anos. A única disputa — e assim mesmo interna na bancada do PFL — se deu no cargo de 1º vice-presidente, com o candidato do grupo do presidente Fernando Collor, senador Odacir Soares (PFL-RO) perdendo por oito votos contra nove para o senador Alexandre Costa (PFL-MA), ligado ao senador e ex-presidente José Sarney (PMDB-AP).

Com o comparecimento de 78 dos 81 senadores, a eleição da nova Mesa do Senado foi fruto de um amplo acordo entre governistas e oposicionistas. Além de Mauro Benevides, para presidente, e de Alexandre Costa, para 1º vice-presidente, foram eleitos: Carlos Alberto de Carli (PTB-AM), 2º vice-presidente; Dirceu Carneiro (PSDB-SC), 1º secretário; Márcio Lacerda (PMDB-MT), 2º secretário; Saldanha Derzi (PRN-MT), 3º secretário; Iran Saraiva (PDT-GO), 4º secretário. As suplências, pela ordem, ficaram com os senadores Lavoisier Maia (PDT-RN), Meira Filho (PMDB-DF), Lucídio Portela (PDS-PI) e Beni Veras (PSDB-CE).

Troca de partido

Durante a sessão para a escolha da nova direção do Senado, quatro senadores formalizaram mudanças de partidos. Carlos Patrício (TO) trocou o PDC pelo PFL. Aureo Melo, do Amazonas, saiu do PMDB e entrou no PRN. Francisco Rollemberg, de Sergipe, que desde o ano passado deixara o PMDB, filiou-se ao PFL. E Raimundo Lyra, da Paraíba, deixou o PRN para ingressar no PFL. Na votação de ontem os únicos ausentes foram os senadores Nelson Wedekin (PDT-SC), que se encontra no exterior, Aluizio Bezerra

(PMDB-AC) e Levy Dias (PST-MS).

Mauro Benevides, senador em seu segundo mandato, é ligado ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que durante o governo do ex-presidente José Sarney sonhou em fazê-lo ministro-chefe da Casa Civil, quando da substituição do então ministro Marco Maciel por Ronaldo Costa Couto. É um político moderado e assumiu o posto pregando a harmonia entre os poderes. "Tudo faremos para que o relacionamento com os demais poderes ajuste-se aos ditames da independência e harmonia, respeitando-se, assim, diretriz contida na Carta Magna em vigor", pregou. Disse que, em sua administração, o Senado estará atento às negociações da dívida externa e do endividamento dos estados e municípios e ao seu poder fiscalizador em relação do Governo Federal.

Críticas

Ainda que parcimoniosamente, fez críticas ao volume de medidas provisórias que tem sido editados pelo governo, anunciando que a Mesa do Senado estará pronta a atuar de forma "que desestime a abusiva edição de medidas provisórias", pois "os requisitos de 'urgência' e 'relevância', que fundamentam a 'admissibilidade' de tais instrumentos, nem sempre se enquadram rigorosamente em seu adequado conceito". Ele prometeu uma administração marcada pela austeridade e pela luta pela reconquista da dignidade dos políticos. "O Congresso Nacional precisa reconquistar o prestígio de sua força popular, através do trabalho patriótico, da firmeza das ações, de medidas de probidade", disse, lembrando que, nas últimas eleições, os políticos ficaram numa situação "extremamente desconfortável diante da opinião pública brasileira, que fez do voto em branco uma forma silenciosa de invectiva contra a classe política".